

## “SÃO TEMPOS DIFÍCEIS PARA OS SONHADORES”

Jucilene Braga Alves Mauricio Nogueira  
CEFET/RJ  
UFRJ  
lenemaucio@yahoo.com.br

PEQUENO, Tatiana. *Onde estão as bombas*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019

Essa é a frase que estampa a camisa usada pela poeta no documentário Tatiana Pequeno: *muambas e bombas para o nosso tempo* (2019), de Alberto Pucheu, também poeta e professor de Teoria Literária na UFRJ. Em cena, encontramos não só uma voz, mas todo um corpo político que se expressa e aponta recortes do seu fazer poético. É bem verdade que a frase da camisa de Tatiana parece ganhar sentido atemporal em um Brasil que traz, desde o início de sua história, um bombardeio de violências cotidianas. Apesar delas, mas também por meio delas, surge o terceiro livro de poemas da autora carioca – *Onde estão as bombas* (2019).

Como a própria autora pontua no documentário, as questões que se revelam no livro deixariam de ser bombas para ela e passariam a ser lançadas para os outros. Esse é um movimento de partilha, uma violenta e necessária partilha, que exigiu da poeta, segundo ela própria, uma acentuada mudança de dicção. Parece que as urgências do nosso tempo talvez demandem versos mais claros, mais diretos, que explodam sentidos para os leitores. Cabe destacar que, em 2009, a autora estreia com *Réplica das Urtigas* e, em 2014, publica *Aceno*, ambos livros de poemas.

*Onde estão as bombas* apresenta-nos a um vocabulário intenso que evoca elementos tão “corriqueirizados” como “bombas”, “tiros” e “fuzis” concorrendo com outros tão, aparentemente, deslocados do cotidiano urbano como “mamute”, “rinoceronte”, “búfalo” e “elefante”. Tais combinações poéticas parecem nos advertir sobre a potência das palavras que poderá vingar-nos “de todas as bombas”. Nesse sentido, merece destaque o trabalho metalinguístico e crítico, presente na obra, ao refletir sobre o que seria poesia, suas origens e categorizações, sua presença no corpo e na palavra.

No posfácio da obra, Pucheu destaca tratar-se de um “livro-bomba” com “poemas-bombas” e, de fato, muitos dos textos tratam de múltiplas violências, de assassinatos à queima roupa, de estupro, de papéis sociais delimitados pelo gênero, de faltas que restringem experiências suburbanas, de perdas de pessoas amadas, de condicionamento

das falas. Todas essas bombas, ao explodirem, amputaram partes de um sujeito lírico que se reinventa e se ressignifica também pela ausência. Essas dores são intensamente sentidas e descritas de modo a provocar uma espécie de convocação ao leitor.

No emblemático ensaio “A morte do autor”, Roland Barthes conclui seu texto dizendo que “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor” (2004, p.64). Essa afirmação categórica aponta para uma exigência essencial diante do livro de Tatiana Pequeno – é preciso que se mobilize o leitor. Reiteradamente, destaca-se a necessidade de um leitor que mire a realidade, que se desconstrua diante de sua própria indiferença. Como não nos questionarmos diante de nossa apatia?

O poema “breve ensaio contra a minha indiferença quanto à cracolândia do jacaré” é um exemplo desses socos no estômago que sentimos diante de um lirismo contundente. A breve cena da mãe verde que com suas tetas mirradas alimenta seu bebê e entra no ônibus pedindo trocados nos arrebatou. Não bastasse a descrição da cena, somos levados a questionar nossa impotência, se real, se construída... Somos levados a seguir lembrando o episódio que queriam que esquecêssemos ou, ainda, que talvez nós mesmos quiséssemos esquecer, pois “estamos sonâmbulos à nossa revelia” (PEQUENO, 2019, p.24).

*Onde estão as bombas* tira-nos do conforto de uma existência segura, mostra-nos que não há segurança nesta vida, revela-nos a “queda do céu” e toda a sua precariedade. Todavia, não o entendo como um livro pessimista, afinal convida-nos a imaginar outro mundo, outro passado, mas com os olhos fixados no presente. Essa ideia curiosa de imaginar outro passado ganha, inclusive, expressividade através da construção “elefântica memória”, presente no poema “antílope-cetáceo”. A memória é um dos elementos constituintes da elaboração poética da obra. Por meio dela, são acionados episódios que remontam experiências tão particulares e tão amplamente sociais. As caracterizações dessas experiências memorialísticas são relacionadas com um conectivo de adição porque, de fato, o público e o privado entrecruzam-se, ampliando-se o detalhe, detalhando-se o macro.

Um exemplo desse movimento é encontrado no poema “cantilena da outra ponta da praia”. Nele, miramos na sutileza “de todas as conchas da praia de iguabinha”, guardadas por um pai para sua filha, guardadas em sua filha. Algumas dessas conchas, escondidas, foram levadas pela maré. Conchas que, em suas sutilezas, metaforizaram o

lirismo do pai, roubado pelas agruras de um cotidiano urgente. Denuncia-se um sistema que consome o tempo, que consome as vidas. Após a maré, fica a areia entre os dedos, fica o leve toque na ponta dos dedos, fica a saudade que, com a partida do pai, multiplica as conchas em poesia.

*Onde estão as bombas* é um livro de poesia sobre poesia. Revela o lirismo cotidiano das lembranças de uma criança suburbana que se encanta com as muambas trazidas do Paraguai e vendidas pela mãe. Pequenos prazeres alimentados: o relógio, a meia-calça, o perfume, sorrateiramente experimentados. Traz à tona a poesia dos presentes da avó, que costurava, agradava e deitava no chão da cozinha para espantar o calor. Lembranças poetizadas que problematizam o presente a partir de origens e de passados tão desiguais. O tempo. Os tempos. Quem disse que ir à Europa é banal? De onde você vem? De onde cada um vem, afinal? No poema “l’air du temps”, o eu poético convida o leitor, sobretudo os mais privilegiados economicamente, a olharem ao redor. Nesse poema e em outros do livro, denuncia-se a dificuldade material que submete a tantos. Mostra-nos como comprar um móvel sem um carnê de prestação pode ser um luxo.

O livro tem também um pulsante recorte poético das questões de gênero. Trata do sexismo naturalizado dos papéis sociais, da menarca, problematiza o que é ser mulher e como o sexo pode validar esse rótulo. Mostra a dúvida na percepção de uma mulher sobre sua primeira relação - romance ou estupro? Mostra como ainda dói ser um corpo de mulher. Aponta-nos como mulheres loiras, negras, gordas, lésbicas podem ser diferentemente violadas, mas, ainda assim, profundamente violentadas. Leva-nos a confrontar tantos agentes dessas violências. São tantas as bombas recebidas... Bombas no “museu nacional”, Bombas no “museu nacional.2”, “o assassinato de marielle franco”, tantos bombardeios não deixam dúvidas, mobilizam uma resposta feminista poética, política, erótica e muito crítica:

*só não tenho fuzis  
mas bombas aqui  
entre as pernas  
bombas que também  
faço com as mãos*  
(PEQUENO, 2019, p. 40)

Revela-se um corpo político de mulher que resiste e luta contra as opressões que a atravessam desde a infância. Ainda no documentário de Alberto Pucheu, Tatiana diz gostar que seu texto seja chamado de panfletário, na verdade, afirma o caráter positivo de

uma poesia contemporânea escrita por mulheres que explorem uma linguagem mais pungente. Tendo sido silenciada por tantos anos, é interessante que agora seja necessário, por vezes, subir o tom. Lançando “palavras-bombas”, a poesia deixa suas marcas.

Vemos também no livro que “coleccionar é juntar/ mas também ensinar junto” (PEQUENO, 2019, p.40). *Onde estão as bombas* tem um certo caráter didático porque ensina junto, revela-nos tanto, em um diálogo horizontal necessário ao aprendizado. Ensinar é estar ao lado, é estar junto, é partilhar o olhar sobre mundo. Foi com esse olhar generoso que tivemos o prazer de ouvir, em julho de 2020, Tatiana Pequeno, falando de sua trajetória e de sua escrita, em um painel virtual dedicado à poesia contemporânea no evento *Diálogos em Redes* do Litescola (Grupo de Pesquisa que reúne professores voltados ao ensino de Literatura na Educação Básica).

A poeta contou-nos que se indaga, diariamente, sobre o que a sustenta. Como resposta, disse-nos que é toda atravessada pela poesia, pelo ensino, pela pesquisa, pelo desejo de transformação. Todo esse atravessamento dialoga com o campo minado que nos apresenta em seu terceiro livro de poemas que, simultaneamente, também nos mostra caminhos para seguir, apesar das minas, e vencer.

No encontro, a poeta ainda nos deu um forte depoimento sobre sua trajetória na educação básica, no qual a escola sempre fora negligente com seus tantos sofrimentos. Avessa a tudo que era mecânico, acabou recolhendo-se à biblioteca e a outros espaços de leitura, o que acabou por fincar seus pés “no terreno da palavra”. Pensar o ensino, a língua, a literatura e a escola são tarefas poético-políticas para autora e para cada um de nós que não aceitamos ser indiferentes às bombas deste mundo.

“São tempos difíceis para os sonhadores” porque ainda querem apagar de nós a utopia, a fé, o desejo de mudança da realidade. São tempos difíceis porque ainda querem que não enxerguemos, na vida, a poesia, ainda que ela esteja bem aqui. *Onde estão as bombas* aponta caminhos, faz-nos perceber o quanto de pólvora temos para seguirmos, são poemas-bombas que nos munem de assombro e coragem e convocam à transformação.

## **Referências**

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

PEQUENO, Tatiana. **Onde estão as bombas**. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2019